

Entre a verdade e o algoritmo: o papel do jornalismo frente à desinformação e a inteligência artificial

Between Truth and the Algorithm: The Role of Journalism in the Face of Disinformation and Artificial Intelligence

Entre la vérité et l'algorithme: le rôle du journalisme face à la désinformation et à l'intelligence artificielle



Zulenilton Sobreira Leal
zleal@uneb.br

Yanne Carolina
carolinayanne13@gmail.com

RESUMO

O artigo reflete criticamente sobre o papel do jornalismo nas eleições brasileiras, marcadas pelo avanço da inteligência artificial e pela intensificação da desinformação. A pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, ancorada na Teoria do Cotidiano e na Antropologia do Imaginário, analisa como o jornalismo pode atuar como barreira simbólica e ética frente à automação da mentira. Defende-se o jornalismo como prática de resistência e mediação simbólica em democracias em crise, reforçando a importância da escuta, da verificação e da reconstrução do vínculo com o público.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Desinformação. Inteligência Artificial. Democracia.

ABSTRACT

The article critically reflects on the role of journalism in Brazilian elections, marked by the rise of artificial intelligence and the intensification of disinformation. The research, qualitative and bibliographic in nature, is grounded in the Theory of Everyday Life and the Anthropology of the Imaginary. It analyzes how journalism can function as a symbolic and ethical barrier against the automation of falsehood. Journalism is defended as a practice of resistance and symbolic mediation in democracies in crisis, reinforcing the importance of listening, verification, and the reconstruction of the bond with the public.

KEYWORDS

Journalism. Disinformation. Artificial. Intelligence. Democracy.

RÉSUMÉ

L'article propose une réflexion critique sur le rôle du journalisme lors des élections brésiliennes, marquées par l'essor de l'intelligence artificielle et l'intensification de la désinformation. La recherche, de nature qualitative et bibliographique, s'appuie sur la Théorie du Quotidien et l'Anthropologie de l'Imaginaire. Elle analyse comment le journalisme peut agir comme une barrière symbolique et éthique face à l'automatisation du mensonge. Le journalisme est défendu comme une pratique de résistance et de médiation symbolique dans les démocraties en crise, soulignant l'importance de l'écoute, de la vérification et de la reconstruction du lien avec le public.

MOTS-CLÉS

Jornalismo. Desinformação. Intelligence artificielle. Démocratie.

1 INTRODUÇÃO

Em tempos em que a realidade pode ser fabricada com apenas alguns cliques ou com o simples digitar de uma frase, o jornalismo ultrapassa sua função tradicional de narrador dos fatos e reafirma seu compromisso ético com a verificação, o debate público e a mediação simbólica da realidade. Tecnologias como o ChatGPT, softwares de *deepfake* e outras inteligências artificiais (IA) generativas têm ampliado a capacidade de simular discursos, manipular imagens e criar vídeos hiper-realistas, gerando conteúdos com forte apelo de veracidade, mas desprovidos de compromisso ético e factual. Nesse cenário, o jornalismo profissional é desafiado a reafirmar sua credibilidade em meio à automação da mentira e à crescente banalização da desinformação.

Nos últimos anos, o Brasil mergulhou em um cenário alarmante de desinformação, com destaque para os processos eleitorais de 2018 e 2022. Redes sociais e aplicativos de mensagens foram amplamente utilizados para disseminar conteúdos enganosos em alta velocidade, manipulando a percepção coletiva, distorcendo fatos e acirrando a polarização ideológica. Imagens editadas, vídeos retirados de contexto e declarações falsas, muitas vezes impulsionadas por sistemas automatizados, evidenciam como as tecnologias digitais vêm sendo instrumentalizadas para minar a confiança pública e desestabilizar o campo político institucional.

Diante disso, as eleições de 2026 ganham contornos ainda mais desafiadores. Trata-se de um momento decisivo para o país, em que serão escolhidos os representantes para cargos fundamentais da República. Nesse ambiente saturado por informações falsas e narrativas artificiais, torna-se urgente repensar o papel do jornalismo profissional como barreira simbólica e ética contra a banalização da mentira e os ataques à credibilidade das instituições democráticas.

A partir deste quadro, este artigo, de caráter teórico-reflexivo, tem como objetivo analisar criticamente o papel do jornalismo diante dos impactos da inteligência artificial e dos algoritmos na disseminação de desinformação, destacando os riscos simbólicos e epistemológicos que cercam essa prática no contexto contemporâneo.

A investigação se apoia em uma abordagem qualitativa e bibliográfica, com base em autores que discutem o fazer jornalístico, os processos simbólicos e o cotidiano. Mobilizamos os aportes teóricos de Traquina (2005), que concebe o jornalismo como produtor de conhecimento; Certeau (1994), com sua noção de invenção do cotidiano; Charaudeau (2012), que discute a construção discursiva da informação; além de Maffesoli, Menezes e Vogel (2000) e Durand (2012), que abordam a força dos símbolos, das narrativas e dos imaginários coletivos nas sociedades contemporâneas.

Refletindo sobre esse cenário, o artigo está estruturado da seguinte forma: após a introdução, apresentamos o percurso metodológico e teórico adotado, baseado em uma abordagem qualitativa e bibliográfica. A pesquisa mobiliza autores dos campos do jornalismo, da teoria do cotidiano e da antropologia do imaginário, cujas contribuições permitem refletir criticamente sobre os impactos da desinformação no contexto digital.

Na sequência, discutimos a relação histórica e conceitual entre jornalismo e

democracia, destacando seu papel fundamental na mediação do debate público. Em seguida, analisamos o ecossistema da desinformação, evidenciando como ele compromete a confiança social e enfraquece os processos democráticos.

Posteriormente, examinamos como a inteligência artificial e os algoritmos têm sido utilizados para manipular a realidade e gerar conteúdos falsos com aparência de verdade. A partir dessa perspectiva, apontamos o jornalismo como um espaço de resistência simbólica e ética. Por fim, refletimos sobre a importância da permanência do jornalismo profissional como pilar essencial da democracia, especialmente em tempos de simulação, polarização e crise de credibilidade.

2 PERCURSO METODOLÓGICO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, bibliográfica e teórico-reflexiva, com o objetivo de construir uma leitura crítica e interpretativa sobre o papel do jornalismo diante dos desafios impostos pela inteligência artificial e pela desinformação. O estudo parte da articulação entre diferentes campos do conhecimento: o jornalismo, a comunicação e a antropologia do imaginário, buscando compreender como essas áreas se cruzam na análise das práticas e dos sentidos simbólicos da informação no contexto digital contemporâneo.

Embora não se trate de uma pesquisa empírica no sentido tradicional, o artigo incorpora elementos empíricos ilustrativos que materializam as discussões teóricas propostas. Nesse sentido, são mencionadas iniciativas de checagem jornalística como o *Projeto Comprova*, a *Agência Lupa* e o *Fato ou Fake*, que se tornaram referências no enfrentamento à desinformação e exemplificam o esforço do jornalismo profissional em reafirmar sua função social e ética diante das manipulações algorítmicas e automatizadas. Tais experiências são citadas de forma contextual e analítica, como evidências que ajudam a refletir sobre as possibilidades de resistência simbólica e de reconstrução do vínculo entre jornalismo e sociedade.

A metodologia, portanto, ultrapassa a simples revisão bibliográfica ao propor uma leitura simbólica, ética e interpretativa das práticas jornalísticas contemporâneas, considerando o jornalismo como espaço de resistência, escuta e reinvenção do real.

Do campo do jornalismo, mobilizam-se autores como Traquina (2005), Sylvia Moretzsohn (2007) e Marta Regina Maia (2008), que concebem o fazer jornalístico como um processo de mediação ética, de valorização da transparência e de resistência simbólica. Moretzsohn (2007) problematiza o papel do jornalista como mediador autorizado em uma sociedade saturada de informações, contrapondo-se à ideia de um "jornalismo neutro". Maia (2008), por sua vez, destaca a "regra da transparência" como elemento democratizador do processo de produção jornalística, reforçando a importância da credibilidade e da confiança pública.

A Teoria do Cotidiano, representada por Certeau (1994) e Pereira (2007), oferece subsídios para compreender o jornalismo como prática situada e criativa, que se reinventa nas brechas do poder técnico e algorítmico. Essa perspectiva enfatiza o cotidiano como espaço de invenção, resistência e sensibilidade diante das estruturas de controle que atravessam a comunicação digital.

Entre a verdade e o algoritmo: o papel do jornalismo frente à desinformação e a inteligência artificial

Por fim, a Antropologia do Imaginário, a partir de Durand (2012), permite pensar as dimensões simbólicas que atravessam os discursos mediáticos e tecnológicos. Segundo o autor, o ser humano estrutura sua visão de mundo por meio de imagens, mitos e arquétipos que moldam o imaginário coletivo. Quando mobilizadas por inteligências artificiais e algoritmos, essas estruturas simbólicas podem tanto reforçar quanto distorcer percepções, afetando a coesão social e a confiança democrática.

Após a leitura, comparação e articulação dos campos teóricos selecionados, adotamos uma análise teórico-reflexiva orientada a problematizar as transformações simbólicas e epistemológicas que desafiam o jornalismo na era algorítmica. A abordagem ancora-se na escuta dos autores, no diálogo entre conceitos e na compreensão do jornalismo como prática ética, simbólica e social, essencial à vitalidade democrática.

2.2 JORNALISMO E DEMOCRACIA: UMA ALIANÇA HISTÓRICA

Em contextos democráticos, o jornalismo profissional ocupa um papel estruturante, funcionando como elo entre os cidadãos e os acontecimentos que moldam a vida pública. Sua atuação vai além da simples transmissão de informações: é no jornalismo que se encontram os esforços de checagem, análise crítica e pluralidade de vozes, elementos indispensáveis para a formação de uma opinião pública bem-informada. Essa aliança entre jornalismo e democracia ganha ainda mais importância em períodos eleitorais, quando a sociedade precisa discernir entre promessas, dados e discursos. Segundo Gomes (2004), o jornalismo exerce uma função essencial para a saúde democrática, não apenas ao informar, mas ao contextualizar os fatos e oferecer múltiplos pontos de vista. Durante as coberturas eleitorais, essa função se torna ainda mais relevante, pois é por meio da imprensa que os eleitores podem ter acesso a dados verificados e narrativas plurais, elementos fundamentais para decisões conscientes no processo eleitoral.

Contudo, essa função mediadora do jornalismo tem sido profundamente tensionada pelas novas dinâmicas digitais. A ascensão das redes sociais, a proliferação de conteúdos virais e a presença massiva de algoritmos tornaram o ambiente informacional mais fragmentado e vulnerável à desinformação. Nesse contexto, Traquina (2005) alerta que o jornalismo precisa ser entendido como uma forma de conhecimento, cuja legitimidade se constrói a partir de critérios éticos, metodológicos e profissionais. Ao assumir essa função epistemológica, o jornalismo reafirma seu compromisso com a verdade factual, mesmo diante de tecnologias que fabricam realidades.

Além disso, Charaudeau (2012) destaca que o jornalismo opera dentro de uma lógica discursiva própria, marcada por contratos de verificação com o público. Esses contratos são abalados quando a informação perde sua referência empírica e passa a ser substituída por simulações, como ocorre com as *deepfakes*, que reproduzem, com realismo, falas e ações nunca ocorridas. A circulação desses conteúdos compromete a credibilidade da imprensa e ameaça o pacto simbólico entre mídia e sociedade.

Para além do plano técnico, é preciso considerar também as implicações simbólicas desse processo. Como observa Durand (2012), o ser humano estrutura sua compreensão do mundo por meio de imagens, mitos e arquétipos que dão

sentido à realidade. Quando essas estruturas simbólicas são manipuladas por inteligências artificiais, como nos vídeos hiper-realistas ou nos discursos gerados por IA, o que está em jogo não é apenas a verdade dos fatos, mas o próprio imaginário coletivo que sustenta os vínculos sociais e democráticos.

Maffesoli, Menezes e Vogel (2000) complementam essa análise ao afirmar que vivemos numa sociedade de sensações e afetos, onde a verdade não é mais exclusivamente racional, mas construída também por meio da empatia, da estética e da emoção. Nessa ecologia sensível, o jornalismo precisa resgatar sua capacidade de tocar o público, de produzir vínculos simbólicos, e não apenas transmitir dados. A resistência à desinformação, portanto, também passa por uma revalorização da linguagem, da escuta e da ética narrativa.

Nesse sentido, as contribuições de Pereira (2007) são valiosas ao destacar que o cotidiano é um espaço onde os sujeitos reelaboram a vida social por meio da sensibilidade, da linguagem e da criatividade. Para o autor, compreender os gestos, os silêncios e as narrativas que emergem das experiências ordinárias, é fundamental para qualquer prática comunicacional comprometida com o sensível e com a escuta. A resistência à desinformação, portanto, também exige a revalorização da linguagem, da escuta e de uma ética narrativa.

Um exemplo disso pode ser observado nas iniciativas de jornalismo comunitário em regiões periféricas, em que repórteres e comunicadores locais ressignificam o fazer jornalístico ao incorporar as vozes, os saberes e os afetos da comunidade. Em vez de se limitar a noticiar eventos a partir de uma perspectiva externa e objetificada, essas práticas buscam construir narrativas mais enraizadas no território e nos sentidos produzidos pela própria vivência cotidiana.

Essa escuta ativa, ancorada nos pequenos gestos e nas histórias aparentemente simples, é um potente instrumento contra a lógica automatizada da desinformação, pois privilegia a experiência vivida em detrimento da realidade fabricada. Como propõe Pereira, (2007) é na ética do cotidiano e na abertura ao outro que se encontra uma alternativa crítica à linguagem fria e automatizada que prolifera no ambiente digital.

2.3 O ECOSISTEMA DA DESINFORMAÇÃO¹

A propagação acelerada de notícias falsas pelas redes sociais configura-se como um dos maiores desafios contemporâneos à democracia e à credibilidade do jornalismo. Um estudo realizado por Vosoughi, Roy e Aral (2018) evidenciou que as *fake news* se espalham aproximadamente 70% mais rápido do que as informações verdadeiras no *Twitter* (hoje X), alcançando mais pessoas e gerando mais reações emocionais. Isso se deve, em parte, ao conteúdo sensacionalista e surpreendente que essas informações carregam, o que favorece seu compartilhamento impulsivo. Antes, porém, é importante situar os conceitos fundamentais que estruturam esse debate.

O termo *fake news*, amplamente difundido, refere-se à produção e circulação de conteúdos deliberadamente falsos ou enganosos com aparência de notícia (Wardle, 2017; Tandoc, 2018). Esses conteúdos mobilizam afetos e crenças, distorcendo o senso de realidade compartilhada e criando o que se pode chamar de ecossistema da desinformação. Um sistema dinâmico, composto por plataformas digitais, algoritmos, usuários, afetos e interesses político-econômicos que, interligados, favorecem a disseminação de conteúdos falsos e emocionalmente carregados.

Entre a verdade e o algoritmo: o papel do jornalismo frente à desinformação e a inteligência artificial

Os algoritmos, conforme Diakopoulos (2020), são sistemas de instruções automatizadas que filtram, priorizam e moldam a visibilidade das informações nas plataformas digitais. Seu funcionamento, guiado por métricas de engajamento, favorece conteúdos polarizadores e emocionalmente intensos, o que reforça o ciclo da desinformação. A inteligência artificial, por sua vez, deve ser entendida não apenas como ferramenta técnica, mas como força simbólica que reconfigura as narrativas humanas. Autores como Silva (2021) e Pavlik (2022) alertam que a IA amplia a produtividade jornalística, mas também ameaça a ética e a autenticidade das narrativas, exigindo uma nova pedagogia da verificação.

A verdade jornalística, conforme Kovach e Rosenstiel (2010), não é absoluta, mas um processo contínuo de verificação e responsabilidade pública. É essa dimensão processual que distingue o jornalismo profissional das automações informacionais que apenas reproduzem padrões e discursos. Sob essa perspectiva, o cidadão comum transforma-se em vetor inconsciente de desinformação, atuando como difusor de conteúdos que muitas vezes sequer leu ou verificou. A lógica de funcionamento das plataformas digitais, orientada por algoritmos que priorizam engajamento em detrimento da veracidade, reforça esse ciclo vicioso.

Durante a pandemia de Covid-19, circularam amplamente nas redes sociais discursos negacionistas e teorias conspiratórias sobre a origem do vírus, a eficácia das vacinas ou supostos “planos de dominação global”. Muitas dessas narrativas, embora sem fundamento científico, tiveram grande repercussão por se apoiarem em sentimentos como medo, raiva ou desconfiança, exatamente o tipo de afeto que, segundo Sádaba e Escoda (2020), alimenta o ciclo de visibilidade nas redes. As plataformas digitais, ao amplificarem conteúdos que provocam maior impacto emocional, criam um ambiente propício à viralização da desinformação, independentemente de sua veracidade.

Sob essa ótica, o jornalismo é constantemente colocado em posição reativa, tentando “correr atrás da mentira já viralizada”. A velocidade com que as informações falsas se espalham supera, em muitos casos, a capacidade de checagem e apuração dos fatos. Essa defasagem estrutural entre o tempo da verificação e o ritmo acelerado da desinformação expõe uma fragilidade preocupante. É o que Claire Wardle (2017) denomina “infodemia”: um ambiente saturado por excesso de informação, em que verdade e boato se confundem, minando a confiança no que é noticiado.

Além desse aspecto informacional, há uma dimensão simbólica que precisa ser considerada. As *fake news* operam sobre o imaginário coletivo ao mobilizarem arquétipos de medo, salvação, inimigos ocultos ou heróis messiânicos (Durand, 2012). Compreende-se, assim, que a desinformação não atua apenas no nível racional, mas também no simbólico e afetivo, onde a disputa pelo sentido é ainda mais complexa. Portanto, a luta contra a desinformação não é apenas técnica, baseada em checagem de fatos, mas epistemológica e simbólica. Requer do jornalismo não só agilidade e precisão, mas também capacidade de reconstruir vínculos de confiança com o público, explicando o mundo com empatia, rigor e sensibilidade.

2.3.1. AGÊNCIAS DE CHECAGEM: ENTRE A VERIFICAÇÃO E A RESISTÊNCIA SIMBÓLICA

Nesse contexto, destaca-se o papel das agências de checagem como instâncias fundamentais de resistência e reconstrução da credibilidade jornalística.

Entre a verdade e o algoritmo: o papel do jornalismo frente à desinformação e a inteligência artificial

Iniciativas como o *Projeto Comprova*, a *Agência Lupa* e o *Fato ou Fake* se consolidaram, nos últimos anos, como referências no enfrentamento à desinformação, especialmente em períodos eleitorais, quando o uso político das redes e a circulação de boatos atingem níveis mais intensos.

Mais do que desmentir falsidades, essas agências cumprem uma função simbólica e pedagógica, ao restabelecer parâmetros de confiança e educar o público sobre os processos de verificação. Elas exemplificam a capacidade do jornalismo de se reinventar eticamente diante das manipulações algorítmicas e da automação da mentira, reafirmando o compromisso da profissão com a transparência e a responsabilidade pública.

Como observa Silva (2021), a checagem de fatos não é apenas uma técnica, mas uma atitude ética diante da crise da verdade. Essa pedagogia da verificação amplia o papel social do jornalismo e reforça sua missão de mediar o real de forma crítica, colaborativa e humanizada. No entanto, como adverte Pavlik (2022), tais iniciativas ainda enfrentam limites estruturais diante das plataformas digitais, que continuam privilegiando conteúdos de alto engajamento, mesmo quando falsos. Por isso, o papel das agências deve ser compreendido dentro de uma estratégia mais ampla de resistência simbólica, na qual o jornalismo reafirma sua função ética e educativa em meio à desordem informacional.

2.4 INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS E A MANIPULAÇÃO DA REALIDADE: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

As transformações recentes no campo da Inteligência Artificial indicam uma ampliação das possibilidades de manipulação de conteúdos digitais. Modelos generativos capazes de produzir textos, imagens, áudios e vídeos hiper-realistas têm redefinido as fronteiras entre o real e o ficcional, impondo novos desafios éticos e metodológicos ao jornalismo. Embora ainda não existam dados empíricos consolidados sobre o uso dessas tecnologias no contexto eleitoral brasileiro de 2026, o debate é urgente, pois tais ferramentas já demonstraram, em outros cenários, alto potencial de impacto sobre a credibilidade da informação pública e o ambiente democrático.

Nesse sentido, é importante reconhecer o crescente uso de ferramentas de inteligência artificial generativa, amplamente disponíveis e acessíveis ao público. Tecnologias como *ChatGPT*, *DALL-E*, *Midjourney*, *Runway*, *Sora*, *Synthesia* e *DeepFaceLab* permitem criar, com rapidez e realismo, conteúdos que antes exigiam grandes equipes e recursos. Elas geram textos persuasivos, imagens fictícias, áudios sintéticos e vídeos manipulados, muitas vezes indistinguíveis da realidade. Essas ferramentas, quando aplicadas de forma maliciosa, podem vir a comprometer reputações, podem ser utilizadas para fabricar escândalos e podem influenciar percepções políticas e sociais, especialmente em períodos de intensa polarização.

Em um cenário de disputas discursivas e de crescente desinformação, o uso indiscriminado dessas tecnologias tende a se tornar uma das principais ameaças à integridade da informação e ao debate público. Como já alertava Maia (2008) diante das tecnologias emergentes, o jornalismo não deve se render, mas reinventar-se. Essa reinvenção passa pela incorporação crítica dessas ferramentas, pela criação de novas estratégias de verificação e, sobretudo, por uma postura ética que resgate o vínculo de confiança com o público.

Entre a verdade e o algoritmo: o papel do jornalismo frente à desinformação e a inteligência artificial

É importante destacar, contudo, que esta discussão não se ancora em uma visão apocalíptica da tecnologia ou da Inteligência Artificial. Pelo contrário, reconhece-se o potencial das IAs como ferramentas de apoio à criação, à produtividade e à inovação nos campos do jornalismo, da educação e da cultura. No entanto, é justamente por sua potência transformadora que elas exigem atenção redobrada.

Tecnologias concebidas para facilitar a vida, automatizar tarefas e ampliar a capacidade expressiva também trazem implicações sérias para as sociabilidades humanas, para as relações com o conhecimento e para a construção de sentidos sobre o mundo.

A reflexão crítica, portanto, é essencial para que possamos lidar com essas transformações de forma ética, responsável e criativa. O jornalismo, nesse contexto, precisa reafirmar sua função simbólica de mediação da realidade, atuando não apenas como fiscal da veracidade, mas como guardião do sentido público do real. É nesse exercício de discernimento entre o verdadeiro e o verossímil que o fazer jornalístico encontra sua relevância mais profunda em tempos de inteligência artificial.

2.5 O JORNALISMO COMO RESISTÊNCIA E RECONSTRUÇÃO

Maia (2006) aponta que o jornalista, mesmo sem deter mais o monopólio da informação, conserva a legitimidade de atribuir sentido e confiabilidade ao que circula. Hoje, no entanto, essa legitimidade exige novas práticas: não apenas encontrar a notícia, mas também desmascarar as falsidades, oferecer contexto, estimular a escuta crítica e reconstruir a confiança social em meio ao ruído informacional. A tipologia proposta por Claire Wardle (2017), *misinformation*, *disinformation* e *malinformation*, revela a complexidade do problema e a urgência de respostas éticas, rápidas e culturalmente sensíveis. Nesse contexto, o jornalista não é apenas um mediador técnico, mas um agente social que precisa desenvolver estratégias táticas para sobreviver e resistir dentro de um ecossistema comunicacional dominado por algoritmos, inteligências artificiais e bolhas de confirmação.

Por muito tempo, o jornalismo esteve atrelado a estruturas de poder que o posicionavam como mediador legítimo de decisões políticas, sociais e institucionais. Hoje, esse papel está ameaçado por sistemas tecnológicos automatizados que operam com base em critérios algorítmicos, muitas vezes opacos e desumanizados. Diante disso, o jornalista contemporâneo precisa reinventar sua ação, encontrar brechas, inventar caminhos, ativar astúcias. Ou seja, precisa retornar ao humano, ao cotidiano e à sensibilidade como formas legítimas de enfrentamento simbólico.

É justamente aí que a teoria de Certeau (1994) ganha potência explicativa. Ao distinguir as estratégias do poder das táticas dos sujeitos comuns, o autor nos mostra que, mesmo diante de estruturas dominantes, como a lógica algorítmica das redes, ainda é possível "inventar o cotidiano". Para ele, a astúcia, a improvisação e a criatividade dos sujeitos são formas legítimas de resistência e produção de sentido. O jornalista, nesse caso, precisa agir como um tático do real, reinventando sua prática no espaço do imprevisível, articulando escuta, sensibilidade, imaginação e ética.

Maffesoli, Menezes e Vogel (2000), por sua vez, complementam essa visão ao

**Entre a verdade e o algoritmo:
o papel do jornalismo frente à desinformação e a inteligência artificial**

afirmar que vivemos em uma “sociedade emocional”, na qual os vínculos afetivos e simbólicos têm tanto peso quanto os dados e os argumentos. Isso significa que a confiança no jornalismo não será reconquistada apenas por meio da checagem ou da técnica, mas também pela capacidade de se aproximar da sensibilidade coletiva, compreendendo o cotidiano das pessoas, suas dores, temores e esperanças.

Moretzsohn (2007) também aprofunda essa perspectiva ao compreender o jornalismo como um espaço contraditório, atravessado por tensões entre as exigências do mercado e a busca por sentido no cotidiano. Para a autora, o jornalismo carrega uma dimensão ética e simbólica que o vincula à experiência vivida, à subjetividade e à complexidade das relações sociais.

Em sua crítica ao tecnicismo e à neutralidade aparente da prática jornalística, Moretzsohn convida a uma reinvenção do ofício, capaz de reconhecer o valor da escuta, da incerteza e da narrativa situada. O jornalista, portanto, não é apenas um reprodutor de fatos, mas alguém que precisa lidar com o que escapa ao controle, com o fragmentado, com o humano, e é justamente neste ponto que reside sua potência transformadora.

Portanto, diante da automatização da mentira, o jornalismo precisa reativar saberes humanos, táticos e sensíveis, que valorizem a experiência, a escuta e a imaginação não como fuga da realidade, mas como caminho para reconstruí-la com mais ética, pluralidade e profundidade simbólica.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo contemporâneo vive um momento de inflexão. Ainda que as disputas eleitorais representem um dos espaços mais visíveis dessa transformação, os desafios ultrapassam o calendário político: tratam-se de tensões mais amplas entre a verdade, a técnica e os sentidos coletivos da vida pública. Diante do avanço das inteligências artificiais e da proliferação de conteúdos falsos, será necessário mais do que denunciar inverdades. O jornalismo precisará resistir à lógica algorítmica que favorece a polarização, o sensacionalismo e a fragmentação do debate público. Precisar, acima de tudo, reafirmar sua missão pública com coragem, responsabilidade e compromisso com a verdade, não uma verdade absoluta, mas aquela construída com ética, método e escuta social.

Ao longo deste artigo, a leitura dos teóricos do cotidiano e do jornalismo permitiu traçar um panorama mais profundo do papel do jornalista na consolidação da democracia. Os autores analisados mostram que o fazer jornalístico vai além da técnica: ele é um gesto simbólico, ético e político. Um ato de resistência cotidiana que exige astúcia, sensibilidade e uma escuta comprometida com o mundo real.

A partir dessas leituras, compreendemos que o jornalista não é apenas um transmissor de fatos, mas um guardião de sentidos sobretudo em tempos de ruído informacional e simulações hiper-realistas. Mesmo cercado por tecnologias capazes de fabricar versões fictícias da realidade, o jornalismo continua sendo o elo entre a informação e a vida social, entre o fato e a consciência pública.

Este artigo, ao integrar os aportes da Teoria do Cotidiano e da Antropologia do Imaginário, contribui para aprofundar a compreensão do jornalismo como prática simbólica de resistência em meio às dinâmicas algorítmicas que ameaçam a democracia. Para o campo acadêmico, o estudo oferece uma reflexão teórico-crítica

**Entre a verdade e o algoritmo:
o papel do jornalismo frente à desinformação e a inteligência artificial**

que amplia o debate sobre a função do jornalista não apenas como narrador, mas como mediador simbólico, ético e afetivo da vida pública. Na prática, aponta caminhos possíveis: investir na escuta sensível, fortalecer vínculos comunitários, adotar estratégias narrativas mais humanas e utilizar a própria tecnologia como aliada na verificação, no contexto e na mediação qualificada da informação.

É importante ressaltar que este artigo não propõe uma rejeição à tecnologia, especialmente à Inteligência Artificial. Ao contrário, reconhece seu valor como ferramenta útil a diversas profissões, inclusive ao jornalismo, seja no cruzamento de dados, na automação de processos ou no aprimoramento da linguagem. No entanto, é preciso lembrar que a IA, embora criada por seres humanos e alimentada por dados culturais e históricos, reflete também os imaginários coletivos de uma sociedade. Ainda assim, mesmo como expressão desse imaginário, ela não possui consciência, nem ética, nem responsabilidade social.

O que se questiona, portanto, é a forma como a sociedade vem avançando, muitas vezes delegando decisões cruciais relacionadas à democracia, à opinião pública e ao bem comum a sistemas automatizados que operam sem sensibilidade humana, sem escuta e sem compromisso com o coletivo. Resistir, portanto, não significa negar o avanço tecnológico, mas disputar os sentidos e os usos da técnica. Significa reinventar o jornalismo sem abrir mão de seus princípios fundantes: o compromisso com a escuta plural, com a verdade possível e com a manutenção de um espaço público democrático. A sobrevivência do jornalismo é, também, a sobrevivência da democracia. Onde a verdade é sufocada, a democracia perde o ar e morre.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**– artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

DIAKOPOULOS, Nicholas. Accountability, Transparency. **The Oxford handbook of ethics of AI**, v. 17, n. 4, p. 197, 2020.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução geral [Anthropological structures of the imaginary: general introduction.]. 2012.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

_____. What we need from the 'next journalism'. KOVACH, Bill, ROSENSTIEL, Tom. **Blur**: how to know what's true in the Age of Information overload. Nova York: Bloomsbury, p. 170-197, 2010.

MAFFESOLI, Michel; MENEZES, Maria de Lourdes; VOGEL, Arno. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. In: O tempo das tribos: o declínio do

**Entre a verdade e o algoritmo:
o papel do jornalismo frente à desinformação e a inteligência artificial**

individualismo nas sociedades de massa. 2000. p. 232-232.

MAIA, Marta Regina. **A regra da transparência como elemento democratizador no processo da produção jornalística**. Brazilian journalism research, v. 4, n. 2, p. 132-152, 2008.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Editora Revan, 2007.

PAVLIK, John. **Disruption and digital journalism**: Assessing news media innovation in a time of dramatic change. Routledge, 2021.

PEREIRA, Wellington. A comunicação e a cultura no cotidiano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 32, p. 66-70, abr. 2007.

SÁDABA, Charo; ESCODA, Ana Pérez. La generación "streaming" y el nuevo paradigma de la comunicación digital. In: **Cartografía de la Comunicación Postdigital**: Medios y Audiencias en la Sociedad de la COVID-19. Thomson Reuters-Cívitas, 2020. p. 97-114.

SILVA, Jonas Gonçalves da. **Inteligência artificial no jornalismo**: diretrizes éticas, valores institucionais e indicadores de boas práticas. 2025.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Ed. Insular, 2005.

VOSOUGHI, Soroush.; ROY, Deb.; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. **Science**, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 2018.

WARDLE, Claire. **Fake news**. It's complicated. First Draft News, 16 fev. 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/articles/fake-news-complicated>. Acesso em: 20 de agosto de 2025.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017.